

## **VISTOS E RELATADOS ESTES AUTOS...**

O Doutor Teócrita de Oliveira e Sá escrevia as suas sentenças com o próprio punho, em papel ordinário e depois as datilografava. Era um hábito, um vício, mas quem é que não os tem? Esclareça-se, porém, que as manuscruvia a lápis, rapidamente, para depois, quando as datilografava, corrigi-las e dar-lhes forma escoreita. Às vezes, também, quando o caso era simples, e depois das alegações orais das partes, ditava-as diretamente ao escrivão.

Era homem discreto, magro, sem intimidade com quem quer que seja. O seu trabalho era árduo e constante, e só descansava aos domingos, nos feriados e nas férias. Por isso, parecia surpreendente que estivesse casado com Dona Maria Amélia, mulher exuberante, cheia de riso, festiva, e que não tinha papas na língua. Não raro, era preciso até adverti-la, para que se contivesse. Debalde. Afinal, a vida é feita destes contrastes que, embora evidentes, fazem a harmonia dos contrários.

De casa para o Fórum, do Fórum para casa, no passo medido.

O que o irritava era que Maria Amélia, ainda que raramente, interviesse em suas funções judicantes. Dizia-lhe: “O que não está nos autos não está no mundo”. E ela retorquia: “Você vive no mundo da Lua”. Ele, porém, insistia: “Maria Amélia, não admito que você se interponha em minhas funções”. Queria dizer-lhe que o lugar dela era a casa, as prendas domésticas.

O que o abalou profundamente, numa discussão áspera com a mulher, foi que ela teimava em afirmar-lhe que Madalena, acusada de ter matado o

próprio marido, era inocente, e que ele devia absolvê-la. “Maria Amélia, eu não admito que você...”

O dedo indicador em riste, e trêmulo, ele quase o aproximou do nariz de sua mulher. E ela agarrou-o, lambendo-o e rindo.

Não que Maria Amélia tivesse amizade particular com Madalena. Era até incompreensível que ela a defendesse.

“Você deve convir que uma mulher não mata senão por muito amor ou ódio”, ela argumentava. “Mata também por dinheiro”, replicava ele. “As causas de um homicídio são múltiplas e até secretas.”

“Se eu tivesse de matá-lo, Teócrito, não o mataria a tiros de revólver. Aliás, o revólver nem foi achado. Mataria devagarzinho, suavemente.

O juiz alarmou-se. “Não me diga que você já pensou em matar-me...? “Não. Eu o mato na cama. E você bem que gosta.”

O diálogo ia tornando-se quase obsceno. O Doutor Teócrito de Oliveira e Sá fechou a cara. “Não quero ouvir nem mais uma palavra.”

Não compreendia por que a sua Memélia persistia em sustentar que Madalena era inocente, que aquilo fora um assalto. A grande maioria das pessoas achava que ela de fato assassinara o marido.

Preso preventivamente enquanto o processo seguia, Madalena não havia confessado. Mas também as suas explicações não eram convincentes.

O juiz, ainda que aquilo não fosse usual, mandou intimar e trazer à sua presença a ré, com o Promotor de Justiça e o advogado de defesa também presentes.

“Dona Madalena, a senhora tem mais alguma explicação a dar ao que já disse no seu interrogatório?” “Não, Doutor Juiz... Eu já disse tudo.”

O Doutor Teócrito suspirou. E encarou-a, com curiosidade.

Era uma mulher de seus trinta e cinco anos, bonita, com um rosto lavado e olhos fundos. A sua prisão, ou por conselho de seu advogado, fazia-a vestir-se discretamente, quase de luto. Ela e o seu defunto marido não tinham filhos. As brigas do casal eram conhecidas da vizinhança.

“O revólver, onde é que foi parar a arma?” “Não sei, doutor. É provável que os assaltantes tenham levado.” “E como é que eles não mataram também a senhora?” “Eu me tranquei no banheiro.”

Não seria difícil arrombar a porta do banheiro e matá-la também. Ela poderia reconhecer os alegados assaltantes. A polícia procurara-os sem êxito.

“Pode retirar-se, Dona Madalena.”

Os dois soldados levaram a mulher de volta para a prisão.

E Maria Amélia a repetir que a mulher era inocente...

“Memélia, nem mais uma palavra. Você está me pondo numa sinuca de bico.”  
Que ideia, que lembrança! Acabava de recordar-se de que fora um bom

jogador de sinuca, nos seus tempos de acadêmico. Mas só um jogador muito hábil sai de uma sinuca de bico.

Daquela vez, o Doutor Teócrita de Oliveira e Sá não rascunhou a sua sentença a lápis, para depois a datilografar. Datilografou diretamente, em quatro páginas incisivas, impronunciando Madalena. PRIC. Datou e assinou.

A acusação recorreu, mas o Tribunal manteve a sua decisão.

Naquela noite, depois de lavrar a sua sentença, o Doutor Teócrita disse a Maria Amélia, antes de irem para a cama: “Maria Amélia, hoje eu não quero conversa. Estou muito abalado, muito confuso”.

A sua confusão, porém, não durou muito diante da exuberante Memélia.

**Antonio Carlos Augusto Gama**

**Promotor de Justiça, aposentado**